

---

**TECNOLOGIAS  
DE COMUNICAÇÃO E COGNIÇÃO**

---

## Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS  
Álvaro Nunes Laranjeira – UTP  
Carla Rodrigues – PUC-RJ  
Ciro Marcondes Filho – USP  
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS  
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP  
Erick Felinto – UERJ  
J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM  
João Freire Filho – UFRJ  
Juremir Machado da Silva – PUCRS  
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP  
Michel Maffesoli – Paris V  
Muniz Sodré – UFRJ  
Philippe Joron – Montpellier III  
Pierre le Quéau – Grenoble  
Renato Janine Ribeiro – USP  
Sandra Mara Corazza – UFRGS  
Sara Viola Rodrigues – UFRGS  
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS  
Vicente Molina Neto – UFRGS

\_\_\_\_\_ Apoio:



---

# **TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E COGNIÇÃO**

---

Organizadores:  
Fátima Regis  
Anderson Ortiz  
Luiz Carlos Affonso  
Raquel Timponi



*Editora Sulina*

© Autores, 2012

Capa: Letícia Lampert  
Projeto gráfico: Fosforográfico/Clo Sbardelotto  
Editoração: Clo Sbardelotto  
Revisão: Gabriela Koza  
Revisão gráfica: Miriam Gress

Editor: Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

---

T255

Tecnologias de comunicação e cognição / organizado por Fátima Regis, Anderson Ortiz, Luiz Carlos Affonso e Raquel Timponi – Porto Alegre: Sulina, 2012.  
381 p.

ISBN: 978-85-205-0675-2

1. Comunicação – Tecnologia. 2. Meios de Comunicação Social. 3. Cognição – Tecnologia . 4. Cibercultura. 5. Comunicação Aspectos Sociais. I. Regis, Fátima. II. Ortiz, Anderson. III. Affonso, Luiz Carlos. IV. Timponi, Raquel.

CDU: 316.77

CDD: 302.23

---

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 – conj. 101  
CEP: 90035-190 – Porto Alegre – RS  
Tel.: (51) 3311 4082 Fax: (51) 3264 4194  
sulina@editorasulina.com.br  
www.editorasulina.com.br

Dezembro / 2012

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

## SUMÁRIO

Prefácio .....	9
por <i>Muniz Sodré</i>	
Apresentação .....	13
por <i>Fátima Regis, Anderson Ortiz, Luiz Carlos Affonso e Raquel Timponi</i>	
PARTE I:	
COGNIÇÃO, TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E APRENDIZAGEM	
Comunicação, tecnologia e cognição: rearticulando homem, mundo e pensamento .....	23
<i>Fátima Regis e José Messias</i>	
Suportes textuais de comunicação e processos cognitivos .....	52
<i>Márcio Souza Gonçalves e Raquel Timponi</i>	
A prática pedagógica educomunicativa e a aprendizagem distraída: criando ecossistemas comunicativos pela mediação escolar .....	79
<i>Ademilde Silveira Sartori</i>	
Jovens, uso das tecnologias da informação e comunicação e desenvolvimento cognitivo na cibercultura .....	94
<i>Luciana Gomes Ferreira</i>	
O processo cognitivo nas tecnologias da informação e comunicação e suas particularidades regionais .....	117
<i>Ylara Pacheco Guimarães</i>	

Consumo, práticas econômicas e ferramentas financeiras.  
Uma discussão sobre operações cognitivas  
e usos de cartões de crédito ..... 132  
*Viviane Marinho Fernandes*

PARTE II:

CORPO, ENTRETENIMENTO  
E MULTISSENSORIALIDADES

Delicado horror: cinema de gênero e o incontrolável  
terror do feminino em *Grace*, *Teeth* e *Dans Ma Peau* ..... 163  
*Erick Felinto*

Linguagens midiáticas, entretenimento  
e multissensorialidade na cultura digital ..... 180  
*Vinicius Andrade Pereira*

Teatro em rede: uma análise sobre os novos papéis  
de atores e espectadores na era da cauda longa ..... 203  
*Luciana d'Aulizio*

Cognição e *videogame*: o jogo narrativo  
e o uso do corpo como interface ..... 228  
*Gustavo Audi*

O jogo das máquinas: aproximações entre o xadrez  
e as pesquisas em inteligência artificial ..... 257  
*Letícia Perani, Alessandra Maia e Fausto Amaro*

PARTE III:

COMUNICAÇÃO, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO

Escrita, disciplina e autoria: dimensões epistemológicas,  
institucionais e sociais dos processos de produção,  
divulgação e apropriação do conhecimento ..... 283

*Regina Maria Marteleto*

Tecnologias da informação e comunicação  
na cognição situada ..... 305

*Jorge Biolchini*

Enxame gera conhecimento?  
Sistemas emergentes, opinião pública e cognição ..... 328

*Anderson Ortiz*

Cognição e conhecimento: implicações no uso  
dos sistemas gerenciais de informação ..... 350

*Ariane Durce Maciel Silva*

Comunidades de práticas na internet: casos de sucesso  
em compartilhamento de informações  
e produção de conhecimento ..... 366

*Luiz Carlos Affonso*



## PREFÁCIO

Para mim, é enorme o interesse despertado por este volume intitulado *Tecnologias de Comunicação e Cognição*, consensuado, aliás, com a surpresa de ter encontrado como resultados ou desdobramentos de um curso questões que me parecem cruciais para o estado presente do campo comunicacional. À memória e à percepção intelectual – faculdades tradicionalmente contempladas pela variedade dos processos cognitivos – se acrescenta hoje toda a ambiência sociotécnica das tecnologias da informação e da comunicação, o que suscita novos problemas para a compreensão não apenas das articulações entre corpo e cérebro, mas também das novas modalidades de interação humana. A problemática cognitiva está, portanto, no centro do que temos insistido em chamar de ciência da comunicação.

Não cabe resumir num curto prefácio a variedade temática que enriquece este volume, desde tópicos de epistemologia social no campo da informação até as propriedades lógicas das redes e dos jogos, passando pela experiência mental e material associada ao consumo. Mas cabe ao menos destacar a coerência dos critérios de organização dos textos, que deu margem, em certos, a uma feliz complementaridade temática. Por exemplo, a discussão de aspectos relacionados à economia da aprendizagem que, na distribuição dos textos, se articula às questões de leitura tanto de signos quanto da própria ambiência, como avulta na obra recente de Gumbrecht, para quem “o modo dominante de assimilação cognitiva das obras seria já naturalmente orientado às ambiências, muito mais do que interpretativo”. Esta é uma temática importantíssima.

Em trabalho recente, chamamos a atenção para esses tópicos, mudando a terminologia de “ambiência” para “meio vital” (preferência wittgensteiniana), procurando mostrar o quanto é

importante compreendê-lo como uma vinculação constitutiva ou como uma coesão comunitária ao se pesquisar os mecanismos básicos da aprendizagem. Para nós, isso se deve ao fato de que a coesão comunitária está assentada em crenças partilhadas e valores, relativos a determinações (bem/mal, justo/injusto, etc.) necessárias à vinculação intersubjetiva. Salientamos então que o saber jamais se fundamenta em si mesmo, e sim na aprovação que lhe é dada pela crença, como bem observa Fichte: “A crença não é o saber, mas a decisão da vontade de dar ao saber seu pleno valor”.

A esse respeito, Wittgenstein parece-nos fundamental: “Nós não aprendemos a prática do julgamento empírico aprendendo regras; o que nos é ensinado são julgamentos, assim como seu laço com outros julgamentos”. Ele introduz aí a noção de *preconceito* como parte de toda operação de conhecimento, do modo como adquirimos um saber qualquer. Especulando sobre como chegamos a dizer que sabemos ou temos certeza de alguma coisa, ele mostra que “toda verificação do que se admite como verdade, toda confirmação ou invalidação acontece no interior de um sistema (...) O sistema não é tanto o ponto de partida dos argumentos quanto o seu *meio vital*”.

Ou então o ponto de partida como ambiência, forma comunicacional, distribuição social dos processos cognitivos, conforme se alternam terminologicamente os autores da presente coletânea. A variedade dos nomes não oculta a preocupação teórica conjunta, que pode ser abreviada pela expressão “epistemologia social”, debruçada sobre “como uma pessoa adquire conhecimento de outra pessoa num contexto social” e centrada no objeto de “estudar quais são as práticas sociais que facilitam a aquisição do conhecimento”.

Achei particularmente interessante o fato de que, mesmo sem discutir Wittgenstein, os autores deste *Tecnologias de Comunicação e Cognição* dele se aproximem por outras vias teóricas e outras citações. É verdade que, na terminologia antropológica corrente, o “meio vital” wittgensteiniano equivale a *ethos*, en-

tendido como consciência viva do grupo, que impõe o sentido de costume enquanto maneira regular ou mecânica de agir. Já no círculo discursivo da filosofia, impõe-se o termo *hexis*, que também significa costume, mas sem a ideia de automatismo do *ethos*, portanto, costume como *praxis* ou prática de ações com a disposição voluntária e racional para atos justos e equilibrados.

A internet, tal como é tratada nesta coletânea, não destoa do “meio vital” wittgensteiniano. Claro, por ainda não existir na primeira metade do século passado, ela não poderia estar presente na especulação do filósofo analítico. A sua argumentação, entretanto, contempla a estesia *lato sensu* como modo ampliado de apreender o mundo, a exemplo de autores de hoje, como Lash que, num contexto teórico mais amplo do que a análise comunicacional, demonstra hermeneuticamente que a estética é uma verdadeira “alteridade” para a dimensão cognitiva. Os “signos miméticos” permeiam o *ethos* cotidiano como uma condição imprescindível da interação humana.

São vários, na verdade, os autores que hoje conseguem enxergar uma matriz cognitiva baseada em percepções de ordem distinta, necessária na historiografia e na pesquisa, propulsora de um instrumental lógico que busca a realidade nos indícios, e não nos tópicos e nas evidências. Trata-se mesmo de outro modelo epistemológico, surgido em fins do século dezanove tanto na literatura policial quanto nas ciências sociais, ao qual não se prestou muita atenção, mas cuja matriz estética prioriza outros sensores “paralógicos e alógicos”, tais como o olfato, o golpe de vista e a intuição.

Seja qual for a terminologia descritiva, o fato é que o texto informacional – menos estruturado ou sintaticamente hierarquizado do que o texto tradicional, em que a subjetividade do leitor era estável e centrada em coordenadas culturais que buscavam garantir a univocidade da palavra impressa – convida hoje o sujeito a tatear em novos “sensores” necessários à sua orientação.

É a reflexão sobre esses novos marcadores para o mapeamento cognitivo que dá unidade à diversidade dos trabalhos apresentados nesta coletânea. Uma reflexão não apenas útil, mas imprescindível ao entendimento das mutações que se entreveem na relação corpo/cérebro inerente ao tempo que nos conforma.

Muniz Sodré